

FERNET-BRANCA

dos FRATELLI BRANCA-Milano

— Sahe o dia dez de cada mez —

L. TAGLIAVIA & COMP. N. 2
S. PAULO

INSTITUTO DE HISTÓRIA
N. 01127
ARQUIVO

DIRECTOR:
A. RICCHETTI

S. Paulo, 10 de Outubro de 1903.

ADMINISTRAÇÃO:
Largo de S. Francisco, 11 - A

S. Paulo, Sabbado, 10 Outubro de 1903.

Aos nossos leitores

Quando cuidamos na publicação d'este nosso acanhado jornalsinho, tínhamos certeza que o povo brasileiro nos havia de dispensar atenções, que havia de conhecer nossos esforços a bem da saúde de todos e que saberia comprehender quanto são expontaneos os nossos conselhos.

Não nos enganamos.

Não faltaram as palavras de conforto que tanto nos animaram para continuar a nossa lida, o jornalsinho foi lido e commentado favoravelmente em toda a parte.

Agradecendo, pois, confundidos com tanta anabilidade, aqui esperamos as vossas ordens, ó leitores!

A FEBRE

Prevenir as indigestões e cural-as sem recorrer a remedios que enfraquecem o estomago e os orgams da digestão, é o fundamento essencial de um continuo bem-estar physico e moral. Este e o resultado principal que se obtem com o uso do **Fernet Branca**.

Wilson era um alegre rapaz louro, de origem allemã, e, como a maioria de sua raça, muito amante das bebidas fortes, cujos effeitos sobre o cerebro, os attribuia ás exaltações de genio. Com suas chacotas e pandegas, apesar do seu pouco tino intellectual, lograra certas sympathias entre seus condiscipulos e com suas exaltações alcoolicas perdia todo o medo nos exames logrando, com sua ousadia, melhores notas de que seus companheiros, embora soubessem mais.

Estava já no quarto anno de medicina e conseguiu ser nomeado praticante interno de um hospital. Seu dever era acompanhar os medicos durante a visita aos enfermos e, á noite, correr todos os numeros examinando o estado, verificando si se tinham cumprido as prescripções ou tomando enfim, medidas do momento em casos urgentes. N'esta revista o acompanhava um de seus condiscipulos que tambem fazia turno com elle para fiscalizar-se mutuamente. Um dia, fatal a Wilson, tudo lhe sahia mal. Quando se dirigiu a comer n'um restaurant proximo onde tinha pensão, tropeçou num cyclista que quasi lhe quebrou a perna. Entrou em um armazem

para tomar o aperitivo do costume e em vez de *Fernet Branca* lhe serviram uma grosseira imitação que o desarranjou. Para se compor bebeu durante a comida, mais vinho que de costume o que aggravou o seu estado, e, como sentisse fortes dôres de estomago, começou a curar-se com repetidos calices de cognac e genebra que o embriagaram por completo.

Elle não tinha obrigação de voltar ao hospital senão ás dez horas da noite e, para refrescar-se foi dar um passeio pela Avenida onde, reunido com alguns amigos da mesma raça, entraram n'um café a beber whisky. A's dez horas seus amigos o acompanharam ate o hospital a cuja entrada se despediram deixando-o só com a sua exaltação.

Tirou o chapéu, passou a mão pela testa e entrou no estabelecimento o mais direito que pude lambendo-se os beiços e torcendo o bigode para desfarçar a *graixa*. Foi direito á salla dos enfermos; seu companheiro não havia chegado ainda. Dirigiu-se á primeira cama; tomou o pulso do doente e exclamou:

— Que febre! Uma sangria immediata. Tirem-lhe quatro onças de sangue!

As irmãs enfermeiras obedeceram a ordem. Passou ao segundo leito; fez a mesma coisa e tornou a exclamar: — «que bruta febre! Tirem-lhe seis onças de sangue».

Assim foi successivamente correndo todos os doentes e ordenando fortes sangrias aos trinta e seis doentes que occupavam a salla. Terminada a visita se retirou para o seu dormitorio e se deitou vestido sobre a cama e não tardou a durmir profundamente.

Pouco depois chegou o seu companheiro que devia examinar os doentes e qual não foi a sua surpresa vendo que uns estavam mortos e outros moribundos.

Treze dos trinta e seis, em sua mór parte anemicos, haviam succombido ás sangrias! Os demais achavam-se em lastimavel estado. O novo praticante, a quem as irmãs contaram o occorrido, comprehendeu logo a causa d'aquella catastrophe. O pobre Wilson foi privado do seu posto de interno, expulso da Academia e soffreu tres mezes de prisão causa a sua grande negligencia.

A origem de tanta desgraça foi, como vimos, uma beberagem que tomou em vez do *Fernet-Branca*. Este não desarranja ninguém e, longe de augmentar os effeitos do alcool, os diminue refrescando as cabeças que se tornaram pesadas com outras bebidas.

Os estudantes de medicina conhecem bem as propriedades do *Fernet-Branca* e as opostas dos outros aperitivos ficaram reveladas com o caso de «A febre» que havemos contado.

Medicos... de orelhas!...

A sciencia nós ensinou a experiencia ordenada e methodica.

Porém o homem da sciencia pura não se concebe senão como uma coisa impossivel.

Por isso em todas as profissões se requer alguma pratica para applical-a juncto á theoria adquirida nos estudos.

A medicina tem a clinica, as licções practicas a cabeceira da cama dos enfermos ás quaes assistem os estudantes desde o terceiro anno da academia.

Ha, sem duvida, espiritos pouco conservadores que não aproveitam, ou aproveitam mal essas praticas mas ferram-se nos livros com unhas e dentes até decoral-as.

Outros ha que nem de theoria nem de pratica entendem, e obtêm um titulo somente para assignar certidões de obito.

A estes, ultimos pertence o doutor X... que conhecemos de perto. Deve o seu titulo a influencias grandes...

Une á sua ignorancia superlativa um caracter estúpido e leviano, tanto que poucos clientes tem apesar das suas muitas relações.

Um dia recebeu em seu consultorio uma senhora jovem e bonita que desejava curar a sua esterilidade.

O Dr. X observou que muitas vezes era incuravel porque se devia á herança e, com muita seriedade perguntou-lhe:

«— Me diga, senhora, sua mae teve filhos?»

Outro dia em casa de um de seus clientes, que soffria de forte indigestão, entrou o nosso doutor suando como uma abobora partida com o chapéu na nuca e tomou-lhe o pulso. Fez-lhe puchar a lingua escutou os pulmões e sentando-se gravemente, com um geitão de baleia grávida, escreveu duas paginas de receita e, dando a *papelada* ao doente disse-lhe:

«— Eis o que o Snr. tragará amanha cedo».

Levantou-se e sahio.

O doente que era um pobre espanhol disse que era melhor que engulisse a historia

de noite mesmo e assim que o medico sahio fez uma bola da receita e.. enguliu-a!

No outro dia estava curado mas não pela receita. Foi... um calix de *Fernet Branca* que um vizinho piedoso lhe deu, pistolas!

GARAGALLO.

ACHADO

Ha pouco foi achado um throno em Pariz, em pleno palacio de Bourbon. Nos tempos que correm tal achado póde qualificar-se de sensacional, tanto mais que dito throno é authentico, historico, official. É o throno em que se sentava Luiz Felipe quando ia a sala magna, hoje sala Delacroix, para discursar nas sessões inauguraes do parlamento.

Os encyclopedicos que affirmavam que dito throno desapparecera em 1848, se convenceram que estavam redondamente enganados. O dito throno se achava no fundo do deposito de materiaes do dito palacio legislativo.

Se conserva em tão bom estado, que somente tirando-lhe o pó com um espanador servia bastante para usal-o de novo.

É de madeira entalhada em forma de palma com as armas da Lei e da Justiça, seu encoste está rematado pela corôa real de madeira dourada e o seu assento é um magnifico panno de Aubusson, de fundo branco semeado de flôres e com um bordado, no centro, do mais lindo effeito.

Chegou o dia de ser transportado em algum Museu.

Phylosophia... practica

Um burguez casava, em Paris uma filha sua e no dia do casamento compareceu perante o juiz de paz a noiva, seu pae e a troça toda, deixando á porta os carros. Porém o noivo não vinha e, como não se podia fazer nada sem elle, esperavam. Mas, vendo que a sua ausencia se prolongava, foram buscal-o pensando que lhe tivesse occorrido alguma desgraça; não era assim.

O noivo tinha dado ás de Villa Diogo temendo a mão da policia da qual era bem conhecido porque vivia do roubo e do engano já ha muito tempo.

Não podendo passar a morar em outro ponto do paiz, tomou rumo da fronteira mais proxima.

A noiva esteve a ponto de desmaiar, mas o desespero foi curto. Seus paes, pessoas praticas das coisas da vida, a persuadiram de que era uma felicidade que assim acontecesse, pois si se effectuasse tal casamento não tardaria a vir o arrependimento.

Razão tão persuasiva convenceu não só a noiva como seus padrinhos e convidados que decidiram celebrar a *comida* como si o casamento se tivesse realizado, e assim foi. Com bom humor e muita phylosophia não ha penas que não se esqueçam em poucos instantes.

Agora, si eu fosse convidado e a noiva moça e bonita, tambem ficaria como elles, alegre e... comia a farta.

O Fernet-Branca tomado com agua (na proporção de um calix em um copo d'agua) é agradável refresco.

Oh! monstro!

Outro dia passavam cinco typos pela rua 15 de Novembro.

Um delles tinha o aspecto de quem está prestes a estourar por excesso de sangue nas veias. O pobre mal podia arrastar as perninhas curtas e demasiadamente grossas e era verdadeiro milagre que pudessem aguentar o peso de sua monumental barriga.

Trazia o chapéo duro e.. sujo no *coió*, sobrecazaca preta, desbotada e da moda do seculo dos seus bistataravós.

Outro era justamente o contrario.

De uma altura bruta, curvo como uma taquara tísica, feio como um Judas arrebatado. Os braços compridos lhe permittiam coçar os joelhos, ou mais abaixo, sem a menor flexão da espinha dorsal, a cabeça do formato de uma garrafa de Champagne deitada, estava quasi que inteiramente interrada num chapéo molle de cor... muito difficil de definir.

Os outros mais ou menos *corriam*.

Enveredaram n'um café e sentaram ao redor de uma meza. O homem pipa suava como quem tivesse corrido para tirar o pae da forca, tanto que, chamando o criado com voz que a custo lhe sahia da gorduroza garganta, pediu agua fria, gelada como aquella que se bebe ao polo Norte para fazer a reacção. Os outros tomaram café.

O *bruto* puxou conversa sobre a criação de suinos e seus admiraveis resultados, pois elle era um grande criador, e citava exemplos indiscutíveis, por um systema de engordar em pouco tempo porcos de qualquer raça, systema que elle mesmo... inventara. A conversa foi-se animando quando de subito o criador poe a mão sobre a barriga e, com espanto de todos, atira-se ao chão gritando como um damnado. O secco acode, os outros correm cada um por um lado á procura de um medico, enquanto as dores do bruto homem augmentavam terrivelmente.

Já se desesperava podel-o salvar quando um freguez lembra-se de um remedio unico para colicas, o *Fernet-Branca*.

Sem demora deu-lhe um calix e o milagre operou-se, as dores cederam como por encanto e o pobre criador depois de ter agradecido o seu salvador e abençoado o precioso licor *Fernet-Branca*, foi para casa completamente são!

Isto é que é!...

CHAGAT.

Amor perdido

Era uma noite de supremo encanto

A lua, sublime, a praia illuminava

E a brisa, leve, o rosto me beijava

Como um consolo ao meu mudo pranto.

Vi uma estrella que alta rutilava

Linda entre as lindas, e adorei-a tanto

Como se adora sobre o altar um santo;

Mas o destino o sonho derrocava!...

Rapida vacillou e, n'um segundo,

Traçando um semi-circulo candente

Sumiu, brilhando sempre. d'este mundo!

E' em vão que chamo o amor que foi com ella, Que busco a via que leva ao ninho ardente, Ao paradeiro d'essa rara estrella...

MARTINIANO D'ALIFAX.

Porque?

(A *Lucibella Rybs.*)

Os teus versos são tristes, me disseste,
Só cantam dores, gemem de saudade,
Tristezas não são proprias n'essa idade,
Vida de moço só o prazer reveste.

Eu te disse:—Assim como a tempestade
Raivosa no Oceano o barco investe,
Assim, já morta, á sombra de um cypreste
Do mundo longe eu tenho a mocidade.

Jamais a vida minha terá rizos,
Ha muito que pr'a mim não ha mais flôres,
Sou moço e nunca mais terei sorrisos!...

Eis, eis porque só canto dôr e pranto
Porque meu verso nunca diz amores,
Sou moço sim mas ah! já soffri tanto!...

JULIUS SELKIGGS.

Reboição

Na rua do Lavapés aconteceu um grande reboição.

Imaginem que dois carroceiros deviam ir fazer um carroto na estação Sorocabana. Na vespera, a noite, arrumaram a bugiganga toda, engraxaram as rodas dos carretões e esfregaram menos mal os burros e combinaram as horas da sahida.

A cocheira do «cumpá» Chacharané ficava meio longe da casa da moradia e por isso recommendou ao «cumpá» Calamerocce que abrisse as portas bem de madrugada. O bruto foi durmir tambem recommendando a Catharinella, que era sua filha, que fizesse café bem cedo.

Quando o homem estava no melhor do somno ouviu bater á porta. Accordou, mecheu, escutou e ferrou outra vez no somno. D'ahi a meia hora nova batida, mais forte e o pobre «cumpá» cambaleando de somno, foi abrir a porta.

Era um homem todo encapotado que, sem mais nem menos, disse que vinha avizar que a cocheira onde tinha o burro estava pegando fogo. O pobre «cumpá» botou as mãos á cabeça, gritando, gemendo, chamando quanta *Maronna* lhe vinha á mente. A mulher accordou, a filha tambem e os vizinhos accuõiram e, mesmo sem saber de que se tratava, gritavam e gemiam que era um gosto.

Afinal sempre sahio em direcção da cocheira, correndo como quem tem azas nos pés, enquanto a mulher e a vizinhança toda ficaram gritando na rua.

Após longa demora appareceram uma porção de gente que vinha carregando o pobre «cumpá» fora de si, desvairado, os olhos saltados e vermelhos, vinha dizendo uma porção de disparates sem pé nem cabeça; somente se entendia:—«M'hanno fricato, m'hanno fricato!»

O povo gritava, as mulheres arrancavam-se os cabellos como quem depenna um frango e o «cumpá» nada de voltar a si. Eram manifestos os symptomas da loucura e precisava um remedio energico e prompto.

Pois era mentira que a cocheira pegava fogo e, o susto que levou e a raiva que teve da tal brincadeira, excitaram-lhe tanto o systema nervozo que o deixou quasi louco.

Deitaram o *bicho* na cama e um compadre foi chamar o medico. Quando veio, o

homem se achava na mesma condição senão peor.

O homem tomou o pulso, mescheu, virou e ficou pensativo.

Realmente o caso não era para comer biscoitos! O «cumpá» estava ruim, mas ruim como cobra, e deixava o medico pulando na corda bamba.

De repente lembrou-se de um remedio unico, soberano, infallivel, e, dirigindo-se a um fulano gritou:

— *Fernet-Branca* e já!

O homem trouxe uma garrafa legitima e o medico applicou um calice ao doente que, dentro de poucos minutos estava de pé, são e salvo, agradecendo ao medico a cura

rapida e maravilhosa do *Fernet-Branca*.

Um tal que estava presente pegou na garrafa e, ora olhando para ella, ora para o «cumpá» sarado exclamou:

— Conheceu, papudo!

FELICIANO BALÃO.

Cavillos de tiro

E' um erro que frequentemente se faz. pôr ao trabalho um cavallo novo nos areios, carros ou outros meios de viação, ao lado de um cavallo velho e viciado. E' certo que o cavallo novo adquirirá todos os defeitos do seu... mestre.

sendo querido pelos seus chefes por ser frequente em seu trabalho. Não tiveram filhos e isto quiçá é a causa da verdadeira historia que vou contar

II

A conheceu nos jardins do Bom Retiros no ultimo verão. Aquelle domingo tinhasido o calor muito suffocante e sahiram meus vizinhos muito tarde do seu quarto, D. Romualda mesmo foi quem propoz de entrar nos jardins.

A's oito e meia ainda não está ninguem no jardim e então puderam escolher um bom lugar.

D'ahi a pouco, perto, muito perto d'elles, sentaram-se quatro pessoas, dois homens e duas mulheres: a cadeira de uma d'estas, a mae, encostava na do Benedicto; mais adiante o pae; diante delles os dois noivos que fallavam ao ouvido. Foi chegando gente e começou D. Romualda a se entreter analysando e descrevendo os trajes das senhoras que entravam no jardim. Porém, Benedicto não a ouvia, estava distraido. Um momento antes acabava de ouvir uma voz de timbre raro assim como de menina que passa a ser mulher. Uma voz um pouco rouca. Era a noiva que suspendendo o cochicho amoroso dizia:

— A que horas começa a função, papae?»

Conselho de mão cheia!

Julio encontra o seu amigo Carlos e este queixa-se de fortes dores de estomago e ancias de vomito causadas por ter comido grande quantidade de amendoims.

Julio, de pronto, o convida para tomar um calice de, *Fernet-Branca*, e Carlos como por encanto sára completamente!

— Me deste a vida! exclama o pobre Carlos no augé de alegria, e foi para casa bemdizendo aos *Fratelli Branca* de Milão pelo seu milagroso tonico *Fernet-Branca*.



Pobre velho antes não a tivesse visto!

III

Era muito jovem, a tez branca, os olhos azues, os cabellos louros, o talhe delicado, o peito levantado e esplendido. Seu modesto traje denotava minuciosamente seus encantos, e um grande chapéo occultava a meio o seu rosto que envolvia em uma penumbra encantadora o seu semblante. A saia curta deixava ver seu pé pequeno e elegante.

Tudo isto Benedicto não o viu então; mais tarde foi vendo e adoptando tantas perfeições, porém aquella noite não sentiu mais que um deslumbramento e logo uma sensação dulcissima que sentimos antes de durmirmos..

Para vel-a devia fazer um pequeno esforço que talvez chamou a attenção do pae e seguramente da D. Romualda. Por isso não a mirou mais que uma vez durante o primeiro acto e outra no segundo intervallo.

Naquelle momento ella virou a cabeça e seus olhos deram com a olhadella do velho Benedicto. Este não viu nada, não sentiu mais que um ligeiro incommodo nas cadeiras; a olhadella da moça resvalou e foi perder-se entre as arvores.

Ella tinha quinze annos.

Benedicto sessanta e dois!..

(*Continúa*).

FOLHETIM

Traducção especial para o *Fernet-Branca*.

Amor de velho

I

Nos dias que precederam a morte do Snr. Benedicto nossas relações de visinhos se estreitaram e ehegaram a ser carinhosas pela força de commiseração que me inspirava aquelle pobre ancião. Benedicto morria só, na mais triste solidão, aquella solidão de *dois* em *companhia* mais espantosa que a do hermitão que falla só em amor.

D. Romualda, sua esposa, me pareceu, nas poucas semanas que cheguei a tratá-la, em substancias e egoista, como muitas de sua idade, os cincoenta, quando não se tem perdido ainda as illusões nem se tem voltado os olhos ao céu; cuidava muito pouco de seu esposo como tinha cuidado de seus velhos paes.

Mas na casa onde viviamos a tinhamos por mulher caseira e prestimosa.

Os dois, graças a isto, viviam um pouco desasocegradamente com os dez mil réis que ganhava Benedicto no Tribunal de Contas, justo premio de trinta annos de officinas

Atenção com o vinho

MARSALA-FLORIO

Pedindo *Marsala Florio* tenham cuidado que o nome da Casa deve ser somente «**Florio & C^o**» e que as garrafas levem tambem o rotulo pequeno da Casa importadora *I. Tagliavia*. Não sendo assim recusem-n'o por não ser producto da Casa **Florio & C. de Marsala**.

FERNET-BRANCA

Especialidade dos **Fratelli Branca-Milão**
Fornecedores da Real Casa italiana

Unicos concessionarios para a America do Sul desde 1875, **Carlo F. Hofer & C.-Genova**

É o licor mais hygienico conhecido que mata a sede, facilita a digestão, estimúla o appetite, cura a dor de cabeça, mal nervoso, mal de figado, spleen, mal de mar. É licor vermifugo, anti-choleric, anti-febril, conforme fica provado pela quantidade de certificados medicos. É exellente preservativo para a febre amarella e cura as intermittente.

Aos consumidores do

FERNET-BRANCA

cuidado com as numerosas falsificações e imitações.

Exigir em cada garrafa o nosso rotulo:

IGNACIO TAGLIAVIA & C.
UNICOS Importadores

I. TAGLIAVIA & CIA.

Largo São Francisco, 11-A — Caixa Correio, 455 — S. PAULO



FERNET-BRANCA

Especialidade dos FRATELLI BRANCA de Milão

(Concessionarios para a America do Sul: C. F. HOFER & C.)

O FERNET-BRANCA é o licôr hygienico mais conhecido. Extingue a sêde, facilita a digestão, estimula o appetite, cura a dôr de cabeça, a febre amarella, intermitente, o mal nervoso, o mal de figado, o spleen, o mal de mar. E' licôr vermifugo, anti-choleric, anti-febril como provam as innumeras certidões medicas.

Vinho Marsala Florio

da Casa Florio & Cia. de Marsala

(qualidade doce e secca)

E' o Rei dos vinhos de Marsala e o unico vinho italiano que *venceu* em todos os mercados do mundo os melhores vinhos de Porto e Madeira

Concessionarios para o Brazil:

I. TAGLIAVIA & CIA. - S. Paulo

O Fernet-Branca e o Marsala Florio vendem-se em todas as Casas de Seccos e Molhados.

Typ. a vapor, Rosenhain & Meyer, S. Paulo

